

## **Nós somos do Porco! Uma análise de como a torcida palmeirense canta e conta a sua história, superando estigmas de um passado xenófobo brasileiro<sup>1</sup>**

Aryadne GOMES PEREIRA<sup>2</sup>

Universidade de Metodista de São Paulo (Umesp), São Bernardo do Campo, SP

### **RESUMO**

A história do porco como mascote palmeirense é antiga e sua vertente mais latente é a de origem xenófoba durante a Era Vargas. Apesar do passado triste, não podemos negar que a torcida adotou o mascote e o carrega como parte de sua identidade. Este artigo tem como objetivo compreender a resignificação do termo "porco" por seus adeptos, com base no estruturalismo de Bourdieu. A fundamentação teórica do trabalho se voltará as noções de estrutura social, levando em consideração como a torcida se relaciona com a figura do porco nos dias atuais e como este símbolo forjado em bases xenófobas resistiu e este grupo de pessoas trouxe um novo significado, e fez do mascote, seu *habitus*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Palmeiras; torcidas organizadas; cantos; xenofobia; futebol.

### **INTRODUÇÃO**

Um dos mascotes mais conhecidos do futebol brasileiro é o porco palmeirense. Sua ligação com a torcida alviverde é tão forte que ele domina o imaginário popular, sendo reconhecido de pronto até mesmo por pessoas que não estão inseridas no universo futebolístico. Apesar do seu primeiro mascote ser o periquito, incorporado ao time em 1917, três anos após a sua formação, o porco é indiscutivelmente parte da trajetória e identidade do clube e, também, da história de um Brasil que flertou com o fascismo durante a Era Vargas.

Esse período não apenas obrigou o até então Palestra Itália a se chamar Palmeiras, mas também promoveu apagamento de qualquer traço identitário dos imigrantes dos países do eixo Itália, Japão e Alemanha. Entender essa forma de se comunicar que é passada de geração em geração pode nos ajudar a compreender não apenas os cantos em si, mas também a expressão de uma parcela da sociedade.

Os cantos comumente entoados pelas torcidas nos jogos de futebol registram e relatam não somente a história de um time e os campeonatos disputados: eles também são instrumentos educacionais em diversos contextos, dentre eles, as relações de poder

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos em Comunicação e suas interdisciplinaridades, evento integrante da programação do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2024.

<sup>2</sup> Jornalista, publicitária e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), email: [Aryadnegomespereira@outlook.com](mailto:Aryadnegomespereira@outlook.com).

citadas por Bourdieu e o capital social existente nos ambientes das torcidas. A análise das letras dos cantos e de como este grupo de pessoas se relaciona diariamente com sua história, se dará por meio de levantamento teórico e pesquisa de campo, em contato direto com a torcida palmeirense em seu estádio.

## **O ESTRUTURALISMO DE BOURDIEU NO “HABITUS” PALESTRINO**

Apesar de Bourdieu ter expressado reservas enquanto a associação do termo “estruturalismo” a sua obra, o sociólogo desenvolveu uma abordagem que compreendeu as estruturas que veladamente moldam as práticas sociais e as relações de poder. Quando aplicamos essas ideias no campo das torcidas organizadas, e especificamente, no que podemos chamar de “campo social”, que aqui podemos destacar nos pareceres sociais e culturais, tendo em vista que quando falamos de torcidas organizadas, times de futebol e suas histórias, o capital social destes campos estão diretamente relacionados as suas conexões e redes sociais.

Como dito anteriormente, o Palmeiras foi fundado por imigrantes italianos que trouxeram consigo elementos culturais, dentre tantos outros nos êxodos de imigração que o Brasil sofreu ao longo de sua história. Mas, a particularidade, se podemos dizer assim, acontece na também já mencionada perseguição sofrida pelas comunidades imigrantes na era Vargas, o que forçou o time a mudar seu nome para sobreviver. O campo social destas pessoas, sendo elas atletas ou torcedores, foi afetado de forma definitiva.

Para Bourdieu, qualquer tomada de decisão consciente desses atores sociais, sempre terá uma outra sem transparência ou, de apreciação inconsciente. Essa apreciação é realizada a partir da decodificação que antecede a reflexão na qual o sujeito se opõe ao objeto de conhecimento, dos habitus realizados por estes mesmos agentes sociais. Essa apreciação cria laços e barreiras invisíveis que aproximam e distanciam os indivíduos, desenvolvendo empatia e solidariedade de um lado, e preconceito de outro. Quando aplicamos estes conceitos as transformações sofridas pelo Palmeiras e sua torcida, nos deparamos com o que o sociólogo pontuou como “habitus de classes”. Este habitus opera nas classes sociais e nos estilos de vida que estas classes têm, analisados pela ótica de suas práticas e consumos culturais.

Dentro do ambiente do esportivo, mais especificamente do futebol, encontramos diversos cantos e outros elementos que explicitam a violência simbólica, também citada

pelo autor em sua obra (Bourdieu,1979). Este tipo de violência é livremente reproduzida nestes ambientes, por rivais, de forma velada e algumas vezes, até mesmo por suas próprias vítimas. A luta de classes dentro do ambiente do futebol caminha lado a lado com o desenrolar do controle do capital simbólico que aquele time ou torcida organizada tem.

Os times brasileiros têm em sua maioria uma característica importante quando falamos sobre sua fundação, eles surgiram como agentes sociais em espaços que eram até então controlados por uma elite dominante. Estes clubes em seu princípio eram formados por imigrantes, operários, entre outras, e eram a distração, o lazer daquele grupo de pessoas marginalizadas. Quando observamos o eixo dos times de São Paulo, que compreende o Palmeiras, podemos fazer uma reflexão sobre a reprodução do capital cultural.

Partindo de como este grupo que se viu forçado a se transformar para sobreviver, manteve sua herança imigrante e ressignificou um elemento pejorativo, indo de frente não apenas a violência sistêmica vivida, mas também a que ocasionalmente ocorre dentro das quatro linhas, rebatendo seu principal rival que à época era um aliado fidedigno do Estado Novo. A vitória em cima do time que naquela época se colocava como o representante do Estado foi além de uma conquista (Campeonato Paulista de 1942), foi uma afirmação daquele grupo social e daquelas pessoas que fugiram da guerra e buscaram no Brasil a sua pátria amada.

Não à toa, vem daí uma divisa criada pelos palestrinos da velha guarda e herdada pelos palmeirenses das novas gerações. Uma frase que resume bem o cenário bélico da histórica e heróica temporada de 1942, aquela em que o Palestra foi à guerra. Corinthians é rival, São Paulo é inimigo (De Campos Jr, 2012, p. 295).

## **O PORCO NO CORAÇÃO E NOS CANTOS DA TORCIDA PALMEIRENSE**

*“Porco, conta comigo, nessa campanha eu quero sempre estar contigo. Nós estaremos de coração, a Mancha Verde quer ver você campeão”*

Porco Conta Comigo – Mancha Alvi-Verde.

Os cantos e quaisquer outras menções ao mascote palmeirense material a serem analisados neste tópico foram colhidos previamente, em visita ao Allianz Parque, estádio do Palmeiras, em diversos jogos dos campeonatos vigentes em 2023 e 2024.

Em visita ao chiqueiro, o apelido carinho que a torcida Palestrina dá ao seu estádio, sua cancha, podemos perceber que existem ritos que a torcida, seja ela organizada ou não, seguem. Desde o início do jogo, quando os jogadores são homenageados, um a um. O hino nacional é cantado de uma forma diferente, representando o próprio Palmeiras, o hino do time e na sequência, uma seleção de cantos que motivam os jogadores e animam os aficionados.

Na maioria dos cantos podemos perceber a presença do porco como símbolo maior não apenas da Sociedade Esportiva Palmeiras, mas também como o elo, a representação da história deste clube e parte fiel da identidade de cada um deles. Não a toa, existem menções ao animal nas paredes do estádio, nos LEDs que circulam informações, patrocinadores e mensagens de incentivo e apoio aos atletas e torcidas. Indo um pouco mais adiante, em breve pesquisa visual, a figura do porco esteve também presente em forma de comemoração por vários jogadores ao longo de sua história.

Deste a emblemática foto de Paulo Nunes na comemoração do gol que trouxe ao Palmeiras sua primeira Copa Libertadores da América, anos depois no rosto de Gabriel Jesus na comemoração do Eneacampeonato Brasileiro em 2016, Gabriel Menino na celebração da Libertadores de 2021, e mais recentemente, no rosto de Endrick, em comemoração ao recente título de campeão paulista de 2024. Cabe aqui também citar que a ligação entre o mascote e seus atletas, também se estendeu aos jogadores que não são brasileiros, como o uso do nariz de porco pelo atacante Churry Cristaldo na comemoração da Copa do Brasil de 2015, vencida pelo Palestra.

Há uma semiose única no esporte, onde, na hora da competição, atleta e torcedor se tornam dois lados de uma mesma moeda. A torcida incentiva o time dentro de campo, o time demonstra seu carinho e respeito dando tudo de si, e muitas vezes, abraçando os ícones e aprendendo os cantos. Cria-se uma relação ambivalente.

Os cantos contam não apenas a trajetória em algum campeonato em específico, mas também a história de um time, como dito anteriormente. No caso do porco palmeirense, ele está presente na grande maioria destes, sendo o momento de explosão da torcida, que demonstra ali que não apenas a superação e os percalços do passado, que algumas vezes ainda tentam retornar, mas como um símbolo de orgulho que permanece sendo entoado, independentemente da disputa.

*“O Senhor é Palmeirense, e Palmeirense eu também sou. Eu sou da Mancha,  
Ele também, nos somos do porco!”*

Nós somos do porco – Mancha Alvi-Verde

O porco está presente em todos os jogos, em todos os campeonatos e em todos os momentos da torcida palmeirense, sendo parte de sua cultura e sendo levada de geração em geração. Estes cantos não estão apenas condicionados aos jogos do Palmeiras, assim como outros ícones, eles fazem parte da cultura de torcida palmeirense, e representam mais do que o que está contido nas letras. Eles fazem parte de momentos de alegrias e explosões de energia, e acima de tudo, guardam consigo significados únicos e memórias de um passado brasileiro triste e de um sentimento de orgulho indissociável e aos torcedores que os entoam.

## CONCLUSÃO

Hall (2011) pontua que uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu "poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade". (Schwarz, 1986 p.106). A simbologia por trás do porco palmeirense mostra que o que nos conta os cantos entoados pelos torcedores são muito mais que simples partidas de futebol em mais um campeonato. Disputar, vencer e gritar a plenos pulmões o orgulho em fazer parte da história deste time, não apenas age contra o apagamento de uma passagem histórica do Brasil, onde milhares de pessoas se viram forçadas a apagar suas próprias identidades para sobreviver, como também rompe as barreiras culturais que se fazem presentes em outros momentos do esporte.

Estes cantos permanecem sendo entoados jogo a jogo, ganhando ou perdendo. Eles são parte da práxis palmeirense e já se tornaram símbolos indissociáveis para estes aficionados. Conhecendo seus torcedores, podemos entender a fundo o porquê de ser tão importante e tão marcante jogar e cantar para que todos ouçam que o porco é campeão.

Existe uma máxima no futebol que é a frase: “nunca é apenas um jogo e nunca será apenas futebol.” E, considerando a história desta modalidade e mais especificamente, a história do Palestra Itália, a Sociedade Esportiva Palmeiras, que assim como diversos grupos no Brasil e no mundo, foi forjada sob um panorama de luta e resistência, e que hoje se sagra como o maior campeão nacional, em cima inclusive daqueles que antes, a

queria banida, podemos compreender porque o porco é o não apenas o mascote deste time, mas também, parte de cada uma dessas pessoas que tem o Palmeiras como clube do coração.

## REFERÊNCIAS

A **ARRANCADA Heroica**. Palmeiras. São Paulo. Disponível em: <https://www.palmeiras.com.br/a-arrancada-heroica/>. Acesso em: 19 dez. 2023.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. EdUSP, f. 281, 2006. 562 p.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. 1 ed. Editora Brasiliense, 1987. 229 p.

DE CAMPOS JR, Celso. **1942: O Palestra vai á guerra**. 1 ed. São Paulo: Realejo Editora, 2012.

DOMINGUES, José Maurício. **Teorias sociológicas no século XX**. Editora Record, v. 1, f. 62, 2000. 12

HALL, Stuart . **Cultura e Representação**. 1 ed. Apicuri, 2016.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12 ed. Lamparina, v. 3, 2011.

KIMORI, Thiago. Palmeiras lança livro em homenagem à Arrancada Heroica. Palmeiras. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.palmeiras.com.br/noticias/palmeiras-lanca-livro-em-homenagem-a-arrancada-heroica/>. Acesso em: 19 dez. 2023

MILAN, Matheus Jane . A história do porco no Palmeiras. Como abraçar um erro do passado ressignificou um símbolo que um dia trouxe vergonha para a torcida e o clube?

Blog do Milan. Disponível em: <https://blogdomilan.com.br/a-historia-do-porco-no-palmeiras-como-abracar-um-erro-do-passado-ressignificou-um-simbolo-que-ora-trouxe-vergonha-para-a-torcida-e-o-clube/>. Acesso em: 19 dez. 2023.